

ASAS de Ramalde celebra 3º aniversário do projecto Incluir:

Incluir dá-te Asas

O Auditório da Universidade Fernando Pessoa acolheu, no dia 21 de Fevereiro o Encontro comemorativo do 3º ano de intervenção do projecto Incluir. Sob o tema “na minha pele”, o evento, que começou com a apresentação de dotes artísticos por parte dos principais protagonistas do projecto – utentes e técnicos –, através da projecção de um vídeo e da realização de uma encenação. O projecto Incluir é um PRI no eixo da reinserção social desenvolvido em três territórios do concelho do Porto – zona histórica e freguesias de Lordelo do Ouro e Campanhã, tendo acompanhado 332 utentes ao longo dos últimos três anos. Acompanhamento psicossocial e familiar, visitas domiciliárias, treino de competências, oficinas de música e desporto, oficina pré-profissional e emprego protegido são algumas das acções desenvolvidas no âmbito do projecto.

Dependências esteve presente no encontro e entrevistou Joana Falcão, coordenadora do Incluir e um utente, Henrique Sousa.



**JOANA FALCÃO,
COORDENADORA DO
PROJECTO INCLUIR**

**“Acompa-
nhámos 332
pessoas”**

Começava por lhe pedir uma apresentação deste projecto Incluir...

Joana Falcão (JF) – O projecto Incluir surge a partir de uma candidatura do ASAS de Ramalde ao SICAD, que visava a concepção de um projecto de reinserção social para o concelho do Porto. Este projecto destinava-se a indivíduos com uma história de vida ligada às dependências. Desde 21 de Fevereiro de 2014, estamos a intervir no concelho do Porto, tendo optado

por uma divisão em três pólos de intervenção, o que nos permite uma maior proximidade com os beneficiários do projecto. Assim, o Incluir funciona na zona histórica do Porto, na freguesia de Lordelo do Ouro e na freguesia de Campanhã, mais concretamente no Bairro do Cerco. Incluir um conjunto de acções diferenciadas entre pólos, uma vez que as características dos utentes são também diferentes mas, no seu conjunto, temos desde o acompanhamento psicossocial, que nos possibilita a criação de um diagnóstico para acções que possam depois integrar, nomeadamente sessões de treino de competências pessoais e sociais, uma oficina pré-profissional que visa o trabalho de competências para uma integração a curto e médio prazo, quer em formação profissional, quer no mercado de trabalho protegido ou normal; temos também o trabalho com famílias, igualmente no âmbito de treino de competências, temos o Informa-te, acções abertas à comunidade, essencialmente na área da saúde, a nível jurídico e de promoção da cidadania; temos a área de dia, que funciona de segunda a sexta no Bairro do Cerco e oficinas de desporto e de música nos diferentes pólos.

Ao fim de três anos, como avalia o desempenho deste projecto?

JF – Foi difícil começar, até por se tratar de um projecto inovador nalguns territórios. Ao nível da comunidade, também foi um processo que demorou algum tempo até conseguirmos uma implementação efectiva nos diferentes pólos... Penso que conseguimos atingir resultados satisfatórios, tendo também em conta as características do público-alvo, o meio em que estamos e a crise e as dificuldades inerentes, nomeadamente em encontrarmos respostas de integração no mercado de trabalho. Acompanhámos 332 pessoas ao longo destes três anos, conseguindo a integração de 20 utentes em mercado de trabalho e cerca de 40 em formação profissional. Além disto, creio que o maior resultado que temos resulta da relação que conseguimos estabelecer, quer directamente com os grupos alvo, quer com as famílias, quer com a comunidade, o que nos permite termos hoje um trabalho que começa dentro deles – o cuidar de si, o olhar para si, conseguir trabalhar com a sua imagem... temos utentes que não se olhavam ao espelho nem se relacionavam com familiares há muitos anos... utentes





que, de repente, começam a festejar o seu aniversário, que querem voltar a ter vida social activa... Estes são, para nós, os melhores resultados que podemos ter.

Em que medida conseguiram, através da adesão destes mais de 300 indivíduos, potenciar um efeito de bola de neve com os seus pares?

JF – Os utentes são sobretudo encaminhados por serviços, como os CRI e a Segurança Social. Actualmente, funciona muito através do passa a palavra. O amigo chama outro amigo e, actualmente, a maior parte dos utentes que nos vão chegando, bate-nos à porta e diz-nos que ouviu falar que estavam cá conhecidos e que procura uma resposta. Ao longo destes três anos também tivemos algumas desistências mas um ganho que também temos para apresentar é a manutenção de muitos utentes que estão conosco há três anos.

Sendo certo que nenhum projecto de reinserção funciona se não existirem estruturas empresariais de suporte, como avalia a receptividade das empresas?

JF – Tem sido passo a passo... Também é um trabalho muito difícil e moroso e os empresários precisam de provas... Conseguimos a integração de alguns utentes no mercado de trabalho, num processo que, normalmente, começa com emprego protegido... Há um trabalho de muitas reuniões, de muito acompanhamento e a equipa técnica predispõe-se a acompanhar o indivíduo nos primeiros tempos de trabalho, funcionando aqui como mediadora entre este e a entidade profissional para que tudo possa funcionar da melhor forma e para que a integração deste indivíduo resulte também numa mais-valia para a empresa. De muitas reuniões que fizemos de sensibilização e de apelo à responsabilidade social e de integração de utentes, conseguimos cinco entidades ao longo destes três anos.



**HENRIQUE SOUSA,
UTENTE DO PROJECTO
INCLUIR**

**“Conseguí
emprego
para ajudar
a família”**

O Henrique é um dos casos de sucesso deste projecto Incluir, levado a cabo pelo ASAS de Ramalde...

Henrique Sousa (HS) – Sim, estou neste projecto, já com emprego e com contrato efectivo de trabalho...

Há quanto tempo ingressou no projecto?

HS – Em Junho de 2014.

Como chegou à instituição?

HS – Já conhecia a responsável técnica há algum tempo e, num momento de aflição, como não conseguia arranjar emprego, recorri ao ASAS de Ramalde e ajudaram-me, indo falar com o antigo gerente da empresa em que estou actualmente. E fiquei lá até hoje a trabalhar...

Como se sente ao fim destes dois anos?

HS – Estou bem! Sinto-me realizado, tenho trabalho, sustento a família, que era o que mais queria e considero-me um caso de sucesso.

Continua a contar com o apoio das técnicas do projecto?

HS – Sim, sempre que sinto alguma dificuldade falo com eles e tenho uma resposta.

Aconselharia o alargamento deste tipo de projectos a outros territórios?

HS – Sem dúvida! Teria muito sucesso na actual sociedade em que vivemos, em que até os patrões têm dificuldades para colocar funcionários. Se tiverem apoios como este é uma mais-valia para todos.

O que mudou em concreto na sua vida depois de ingressar no projecto?

HS – Mudou muito! Não tinha dinheiro para nada, nem sequer para alimentar os meus filhos e actualmente vivo mais descansado porque consigo cumprir com as minhas obrigações.

